

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

HUGUENEY FILHO, Clodoaldo . Clodoaldo Hugueney Filho (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 25min).

**Clodoaldo Hugueney Filho
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2016

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Kelly de Souza Ferreira; Oliver Stuenkel ;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Data: 12/11/2014 a 12/11/2014

Duração: 2h 25min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “O Brasil em Crises Internacionais”, desenvolvido pelo Centro de Relações internacionais do CPDOC com financiamento da presidência da FGV, entre junho de 2013 e maio de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a formação de um banco de fontes orais. A escolha do entrevistado se justifica por ter atuado em momentos cruciais da política externa brasileira, tendo ocupado diversos cargos no âmbito do Ministério das Relações Exteriores, embaixadas, entre outros.

Temas: Acordos e tratados políticos; Aeronáutica; América Latina; Ásia; Bancos estrangeiros; Brasil; Celso Amorim; China; Ciência e tecnologia; Comércio exterior; Conselho de Segurança da ONU; Cooperação econômica; Cooperação militar; Diplomacia; Economia; EMBRATUR; Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; Ensino superior; Esportes; Estados Unidos da América; Europa; Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP); Governo Dilma Rousseff (2011-); Ideologia; Imigração; Imperialismo; Indústria; Indústria aeronáutica; Inglaterra; Instituto Rio Branco (IRBr); Intelectuais; Intercâmbio cultural; Jogos Olímpicos; Líbia; Língua estrangeira; Ministério das Relações Exteriores; Nelson Jobim; Organização das Nações Unidas; Organização Mundial do Comércio ; Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico; Palácio Itamaraty; Pesquisa científica e tecnológica; Petrobras; Política; Política externa; Reino Unido; Relações internacionais; Rodada do Doha; Rússia; Suíça; Tecnologia espacial; Turismo; Vera Lucia Barroquin Crivano Machado; Viagens e visitas;

Sumário

Entrevista: 12/11/2014

Arquivo 1: Embaixada brasileira em Londres; China; Departamento de Ásia no Itamaraty; Divisão de China no Itamaraty; Divisão de Política Comercial do Itamaraty; aprendizado da língua chinesa; carreira no Itamaraty; Rodada Doha; visitas à China; ida à Genebra no ano de 2005; breve citação à embaixadora Vera Lúcia Barrouin Crivano Machado; ida para China; a relação com Celso Amorim e sua importância na embaixada em Genebra; trabalho e análise na Divisão da Europa; preparação dos diplomatas para a prova do Instituto Rio Branco; relações Brasil-China; Conselho de Segurança da ONU; desenvolvimento aeroespacial brasileiro; Embaixada brasileira na China; a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); criação e participação na Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban) nos anos 2000; economia chinesa; pensamento chinês; política externa chinesa; comércio Brasil-China.

Arquivo 2: Olimpíadas na China; estudos da China; o encontro com o cientista político David Shambaugh; menção à criação do Instituto Brasileiro de Estudos de Concorrência, Consumo e Comércio Internacional (Ibrac); a importância de Amaury Banhos Porto de Oliveira para os estudos relacionados à China e à criação de centros de pesquisa sobre o assunto; universidades chinesas; relação EUA-China; relação Rússia-China; menção ao historiador americano Jonathan Spence; relação Brasil-China; interesses do Brasil na China; a Cosban na relação Brasil-China; diplomacia chinesa; negociações na China; menção à reunião do grupo BRICS (Brasil, China, Rússia, Índia e África do Sul) em 2010; visita de Hu Jintao ao Brasil; interesse da China pela América Latina; estudos sobre o Brasil na China; breve comentário acerca da centralidade do Ministério da República e Comércio Popular da China (MOFCOM) para as relações comerciais entre Brasil e China; chancelaria chinesa; governo Dilma Rousseff; viagens presidenciais à China; acordos Brasil-China; indústria brasileira; Federação de Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP); comércio Brasil-China; Ciência e Tecnologia; questões relacionadas ao desenvolvimento do Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS) desenvolvido em parceria com os chineses; o programa em nanotecnologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa); criação do programa Labex em Pequim, China; relação Brasil-EUA; a parceria entre Sinopec e Petrobras; breve citação sobre a empresa de transmissão de energia elétrica State Grid.

Arquivo 3: o trabalho de tradução de poesias chinesas realizado por sua esposa; intercâmbio cultural; visto brasileiro para chineses; consulados brasileiros na China; a reforma do setor consular e a busca da melhora no sistema de atendimento aos turistas chineses que tinham como destino Brasil; ; diáspora chinesa; visita de Xi Jinping e outros políticos chineses ao Brasil; ida do então Ministro da Defesa brasileiro Nelson Jobim à China; cooperação militar Brasil-China; a criação e importância dos BRICS para a política externa chinesa; reunião do grupo G-20 em 2008; menção às negociações agrícolas na Organização Mundial do Comércio (OMC); o Banco dos BRICS como um instrumento chinês na política externa.

Entrevista: 12.11.2014

O.S. Embaixador, muito obrigado pelo seu tempo.

C.F. - Obrigado pelo convite. É uma honra.

O.S. - A gente queria conversar sobre o seu tempo na China e para começar queríamos saber um pouco qual era a sua relação com a China ao longo da sua carreira diplomática. Você teve alguma chance de visitar antes de virar Embaixador lá?

C.F. - Olha, na realidade, eu ter ido para a China como último posto para mim foi uma grande coisa. Eu não tinha uma experiência de Ásia como posto e não tinha uma formação em Ásia. Embora, em certos momentos da minha carreira eu tivesse tido envolvimento com temas de Ásia. O primeiro deles foi quando eu estava em Londres e ia voltar para o Brasil, eu era ministro, eu tinha sido promovido a ministro em Londres, eu era chefe da política em Londres na época do Roberto Campos. Depois chegou o Gibson e eu fui promovido a ministro. Aí eu tive que voltar ou ir para outro posto como ministro-conselheiro. Na realidade, eu iria para outro posto que era Caracas, onde eu acabei sendo embaixador, mas a família quis voltar para o Brasil. As meninas todas queriam voltar. Então, eu voltei para o Brasil. Eu era muito amigo, tinha trabalhado e era amigo mesmo, do Sérgio Rouanet. O Sérgio Rouanet foi convidado pelo Guerreiro para criar o Departamento de Ásia no Itamaraty. Quando eu entrei no Itamaraty, eu trabalhei na subsecretaria que era de Europa, África e Oriente Médio e aí tinha área Ásia que cuidava de Ásia e Oceania e também. Então, o Itamaraty não tinha área dedicada à Ásia e Oceania. As relações eram realmente pequenas, a não ser com o Japão - onde nós tínhamos já uma relação significativa. Então, o Sérgio, para criar o Departamento, me chamou para ajudá-lo. Eu vim a serviço de Londres para o Brasil, para ajudá-lo a montar o Departamento de Ásia. E nós redigimos toda a estrutura do Departamento. Eu acho que até hoje funciona assim: a ideia básica foi dividir a Ásia entre uma parte continental e uma parte insular. Onde, na parte continental, as duas grandes potências eram China e Índia; na parte insular era o Japão, um pouco a Indonésia, Austrália.

Bom, aí o objetivo era que quando eu voltasse para o Itamaraty (o que ia acontecer daí a meses) eu assumisse a Divisão. Como eu tinha montado junto com ele, eu podia escolher a divisão e, se eu queria a parte insular, oceânica ou se eu queria a parte continental. E eu escolhi, embora a relação com o Japão fosse muito mais importante, a parte continental por causa de China e Índia, em parte - eu tinha bastante contato com a Índia também nesse período por causa da parte multilateral. Só que o que aconteceu foi que quando eu ia voltando, o chefe da Divisão de Política Comercial, que era o José Artur Denot Medeiros foi removido para Washington - um outro grande amigo meu na carreira. E o Itamaraty não tinha mais grandes especialistas em Política Comercial, aí falaram: “Não dá para você ir para a Divisão de China, para criar a Divisão de China. Você tem que ir para a Política Comercial, porque não dá para a gente improvisar um cara em política comercial de um dia para o outro”. Eu falei: “Tudo bem, mas vocês vão ter que explicar para o Sérgio, porque o Sérgio não vai gostar dessa coisa”. Não gostou, ele ficou super chateado. Eu falei para ele: “Sérgio, se você quiser convencer o ministro, eu vou chefiar a Divisão de China”, que era o que eu queria. “Mas, na realidade, eu estou um pouco cansado de Política Comercial”. Mas eu fui, eu acabei na DPC, onde eu tinha passado já anos da minha carreira e depois fiquei li. Aí fui seguir nessa rota de Política Comercial e a China ficou para trás. Quando eu estava em Londres foi a primeira vez que eu tentei aprender chinês. Como eu ia cuidar de China, eu peguei um professor de chinês, que, aliás, era uma grande figura, um daqueles intelectuais chineses antigos, com tradição. Conhecia todo o chinês clássico e tudo. Então, era um prazer ter aula com ele. Eu cheguei a aprender os tons todos e tal. Mas foi uma coisa básica e depois eu mudei para Política Comercial. Acabou a China.

O.S. - O senhor, naquela época, quando aprendia chinês, sabia se havia outros colegas do Itamaraty que falavam bem, que falavam fluentemente?

C.F. - Ninguém falava chinês. O único que conhecia chinês e falava chinês era o Ricardo Joppert, que tinha grande admiração por Taiwan, lembra? O Ricardo Joppert teve uma carreira toda truncada e tal, era uma figura complicada. Mas ele ficou conhecido porque naquela época, nos anos 50-60, tinha um programa na TV TUPI, chamado “O céu é o limite”. Era uma cópia daqueles programas americanos, que à época eram muito populares lá nos Estados Unidos, de perguntas: você respondia e você ganhava; voltava na sessão seguinte e o

nível das perguntas ia se tornando cada vez mais complexo. Ele foi ganhando, era sobre China, literatura chinesa. Eu acho que ele devia ter escolhido um grupo de autores ou um período etc., porque para você responder sobre literatura chinesa é um negócio gigantesco. E aí, no final da coisa, quando ele já estava chegando quase no limite, ele perdeu, ele não conseguiu responder uma pergunta e aí saiu [risos]. Mas o chinês dele, na realidade, eu acho que era cantonês, porque Taiwan fala cantonês e as afinidades dele eram totalmente nacionalistas na época do Mao. Mas era a única pessoa no Itamaraty que tinha conhecimento de chinês.

O.S. - Naquela época não havia uma política de preparar os diplomatas além dos idiomas tradicionais? Obviamente, para a prova do Rio Branco tinha francês e inglês, mas não havia cursos especializados para pessoas que tinham certo interesse? Isso naquela época não existia?

C.F. - Nunca houve e segue não havendo. Eu batalhei durante anos da minha vida e terminei meu período em Pequim escrevendo. Até quem me sugeriu essa coisa foi o Seixas Corrêa. Você sabe que quando os embaixadores vão embora do posto, na Inglaterra, sobretudo no século XIX, começo do século XX, tudo quanto era embaixador era *Lord* ou não sei o quê. Era da elite. Então, os sujeitos escreviam uma coisa que ficou conhecida como *valedictorian*¹, em que eles mandavam uma espécie de uma carta para o *Foreign Secretary*, direto para ele, falando: “Estou terminado aqui nesse posto. Isso está errado, isso está certo, etc.”. Era uma coisa, em alguns casos, com grande sentido de ironia; alguns com críticas veementes a atuação do *Foreign Secretary* e à política externa inglesa com relação à religião. Tem um livro que foi editado com essas opiniões, que é muito interessante. E eu resolvi escrever um negócio desses. Quem escreveu isso foi o Cyro de Freitas Valle. Tem um artigo muito bonito, quem faz o prefácio disso é o Azambuja. Azambuja é um espetáculo, porque é um prazer ouvi-lo falar. O Marcos vai inventando, tem uma verve extraordinária. Ele escreveu dois artigos, saíram na Revista Piauí, sobre o velho Itamaraty; são histórias. Mas ele escreveu o prefácio de uma edição desse livrinho, que está totalmente esgotado, mas os diplomatas têm na internet, que chama: *Vale Dico*. É um repositório do que ele aprendeu durante a carreira e tal. Eu vi que o Itamaraty estava em uma situação tão complicada, estava decaindo

¹ Mais próximo do que foi possível ouvir.

rapidamente e eu resolvi mandar um telegrama pessoal para o Itamaraty, que é um telegrama oficial, porque nós temos essa tradição de fazer. Podia ter escrito uma carta para o ministro. Resolvi mandar um telegrama oficial que está lá nos arquivos, que é o registro das coisas. Uma das coisas que eu digo é isso, você não pode mais deixar de ter especialização. Você não pode deixar de ter especialistas em Índia, especialistas em China, especialistas em Oriente Médio, especialista em África, especialista mesmo em América Latina. A única forma de você fazer isso, sobretudo em países que têm uma cultura tão importante e tão diferente da nossa como a China e uma língua tão difícil, é fazer o sujeito fazer a carreira dele na China. Então, ele vai para a China como terceiro-secretário, começa a estudar chinês, tem apoio para estudar chinês, vai aprendendo, vai na Universidade e tal. Volta depois e vai, se for o caso de outro posto na Ásia, para o Itamaraty para a área de Ásia. E vai fazendo. E no final, ele vai ser embaixador na China falando e escrevendo chinês fluentemente, não é? Mas isso nunca foi feito. Na época que eu estava lá, tinha um rapaz que tinha sido mandado pelo Samuel para fazer um treinamento em chinês, esse rapaz chamava-se Giorgio Sinedino. Ele entrou para a Universidade para estudar chinês e concluiu o mestrado dele na China em chinês. E agora, eu acho, ele está nos Estados Unidos, está em uma universidade americana fazendo o doutorado em língua chinesa. Mas é o único caso que eu conheço. Você tem o Marcos Caramuru que aprendeu chinês assim e fala razoavelmente, entende. Ele deixou a carreira e está morando em Xangai e ele continua. Então, ele tem anos de China e começou a aprender chinês na Malásia, já para ir para a China. O Marcos fala chinês, mas ele não tem o domínio da língua chinesa.

Voltando à questão da China que você perguntou. Depois eu passei um tempo sem ter grandes contatos com a China, mas quando eu já era subsecretário de assuntos econômicos e me ocupava da parte de negociações comerciais multilaterais, a Rodada de Doha e etc. Eu fui umas duas vezes à China para ter conversação com os chineses sobre as posições na Rodada. Aí retomei um pouco os meus contatos com a China, mas voltados para a área de negociação multilateral. À endia eu fui inúmeras vezes também por causa da diplomacia multilateral, fui várias vezes ao Japão, fui à Coreia, fui à Austrália, Nova Zelândia. Eu conheço Paquistão, eu conheço razoavelmente a Ásia, mas sempre ligado à área multilateral. Eu nunca fui especialista em Ásia e continuo não sendo.

K.F. - Quais foram as datas das suas primeiras visitas à China, o senhor lembra?

C.F. - Foi antes de eu ir para Genebra. Eu cheguei à China em 2008. Eu cheguei a Genebra em 2005, deve ter sido aí por volta de 2003, 2004.

K.F. - Essas foram as suas primeiras viagens à China?

C.F. - É.

K.F. - Quem ficou na Divisão de China quando o senhor não pode assumir?

C.F. - A Vera Barrouin que é uma grande embaixadora, muito amiga minha e muito amiga do Sérgio também. E foi uma excelente escolha, foi ótimo que ela pode ir para a China ,para cuidar da área de China.

O.S. - Certo. Agora, como se deu a sua ida para China? O senhor lembra dos detalhes? O senhor recebeu uma ligação?

C.F. - Bom, eu comecei a minha carreira com o Celso Amorim e a gente trabalhou junto na Divisão de Europa, escrevemos uma análise sobre a Europa para uma reunião de embaixadores da Europa Ocidental. O Celso é padrinho da minha filha mais velha e sempre mantive a amizade com ele. Quando eu estava lá em Genebra, eu também já tinha mais de três anos em Genebra, havia esse desejo de mudar a coisa. O Celso queria mandar o Roberto para lá, a Maria Nazaré e queria dividir aquilo em três embaixadas. Eu fui o último, substitui o Seixas, fui embaixador único em Genebra. Depois se criaram as três embaixadas independentes. Aí a gente começou a conversar e eu falei para ele: “eu gostaria de ir para a Ásia: ou para Índia ou para China, porque são os dois países que me interessam na Ásia”. Na Índia já tinha alguém que estava prometido e tal, e fui para a China. Então foi uma coisa assim.

O.S. - O senhor é da mesma turma do Celso no Rio Branco ?

C.F. - O Celso, eu acho, entrou no concurso direto. Eu não sei se o Celso é da mesma turma ou entrou depois. Eu sou uma turma depois do Celso. Eu nunca guardo direito essas coisas de turma. O Seixas que é bom nesse negócio aí, ele sabe de tudo da história da carreira, de tudo.

O.S. - Certo. Só para a gente se orientar.

C.F. - Mas é isso, é essa geração.

K.F. - Quais eram os principais temas nas relações entre Brasil e China quando o senhor chegou à China?

C.F. - Eu procurei, como eu faço sempre quando eu vou para um posto, me preparar para a ida para a China: estudar o dossiê, estudar as relações do Brasil com a China. Na realidade, eu cheguei lá quando as relações estavam começando a se expandir. Então, você tinha problemas que seguem até hoje centrados, sobretudo na área econômica, sobretudo, na área comercial, porque naquela época não tinha nem fluxo de investimento chinês no Brasil. Então, eram basicamente os problemas comerciais: questão dos aviões da Embraer, questão da concentração em produtos primários da pauta, da competição das manufaturas tradicionais chinesas no mercado brasileiro: têxteis, sapato, produto barato; dumping, esse tipo de coisa. Essa coisa toda miúda. O único problema político que tinha era a questão do Conselho de Segurança de fato, que segue até hoje a posição da China. Ela dá um apoio genérico ao ingresso do Brasil e da Índia no Conselho de Segurança. A mesma frase que fica repetindo em tudo quanto é comunicado. No comunicado do BRICS também é a mesma coisa. Então, quando você repete é porque você não quer se mover. Eu sou a favor de não repetir, aliás, eu sempre fui contra, sempre achei ridícula essa coisa. Se você não tem nada para dizer, não precisa ficar repetindo. Se você repete, você está pondo em dúvida o que se afirmou anteriormente. Mas as pessoas gostam de repetir, então ficou repetindo essa frase que é aquele negócio da mesma posição da Índia, da China e da Rússia de que são a favor de uma reforma das Nações Unidas, inclusive do seu Conselheiro de Segurança, para aumentar a participação dos países, reconhecem [risos] que Brasil e Índia devem desempenhar o papel. Um besteiro assim que cada um interpreta como quer, mas seguramente não é um apoio. Então esse era um tema também, o tema do Conselheiro de Segurança. Tinha uma relação

muito modesta, você tinha um tema também específico que era também a questão complicada do CBERS, o satélite sino-brasileiro de sensoriamento remoto. Esse projeto passou por altos e baixos, andava atrasado, o cronograma de satélite estava atrasado. Quando esse programa começou, sei lá, há uns trinta anos atrás, o nível tecnológico era mais ou menos equivalente. Quando eu cheguei lá, a China já tinha tudo quanto era satélite em órbita fabricado por ela mesma, e já tinha o foguete para botar o satélite em órbita e nós continuávamos aqui tentando fazer e tal, importando peças dos Estados Unidos. Esse era outro tema. Mas a relação era uma relação modesta, por quê? Porque aqui não se atribuía prioridade à China. Eu me lembro das pessoas falando: “O que você vai fazer na China? ”. O ideal é sempre ir para Paris, para Roma, para Londres [risos]...Para Buenos Aires, para Boston, mas China não era exatamente... Ou então na Ásia era o Japão e depois um pouco a Índia com o negócio do IBAS e essa coisa da relação que também não prosperou, não teve grande segmento. Mas não havia um dossiê China de peso. A embaixada era modestíssima. O Castro Neves fez um esforço grande para melhorar a embaixada, conseguiu construir um pedaço a mais para abrigar mais diplomatas. Quando ele estava lá, chegou a ter, eu acho que, nove ou dez diplomatas. Quando eu cheguei lá nós éramos cinco. Eu até escrevi um artigo para a Cláudia, que saiu publicado no Estado, dizendo: “Olha, isso aqui é uma operação de quintal, nós somos cinco. Isso aqui é menor do que a operação de Portugal na China, menor do que a da Venezuela. Então, não tem expressão. Na realidade, o nosso desconhecimento de China é profundo. Ninguém, no Brasil, se interessa por China, estuda China, conhece China e isso é um equívoco enorme, porque a China está se transformando em um potência e nós temos muito a ganhar em uma relação com a China.” Aí ficaram todos irritados aqui, a Fiesp publicou um editorial no Estado de São Paulo contra mim dizendo: “Como? que atrevimento dizer que aqui não se conhece China”. Aquela arrogância tradicional de achar que sabe tudo e tal, mas não sabe nada. [riso] Mas não aceita que tem que aprender, que tem que estudar, que tem que trabalhar. Então, o dossiê era muito limitado.

O.S. - O que o senhor recebeu, na época, para se preparar...? Eu digo, que informações que você recebia antes de ir, quais eram as fontes, por exemplo?

C.F. - Bom, eu fiz tudo sozinho, porque a instituição tinha abolido, no curso da minha carreira, as instruções para o embaixador - o que eu achei sempre uma coisa inacreditável.

Como você manda um embaixador para um posto e não diz a ele o que o governo espera que ele faça? Mas a situação é essa, há muitos anos que a situação é essa. Quando eu entrei na carreira, o embaixador recebia um documento de instruções, um documento substancioso sobre a relação do país com país, do Brasil com o país ou com o posto multilateral, que seja, os grandes problemas e tudo. Isso acabou há décadas, não existe mais. Então, você manda um embaixador para um posto como a China, e você não diz a ele os objetivos: “Olha, quais são os objetivos do Brasil na China? O que o governo brasileiro quer da China? O que o setor empresarial brasileiro quer da China?”.

K.F. - O senhor vai sem nenhuma diretriz, então?

C.F. - Não tinha nada. Eu, como não aceito isso e comecei na Venezuela, quando cheguei lá também a situação era a mesma, falei: “Isso é um escândalo, eu não vou tratar de problema de garimpeiro, eu tenho que tratar de disso, mas a agenda com a Venezuela tem que ser outra”. Então, eu comecei a revirar toda a coisa de China e desenhei, um pouco, uma estratégia antes de chegar. Eu é que fiz tudo sozinho, ninguém me pediu para fazer isso mas é que eu gosto de trabalhar e tenho a consciência de que estou lá como embaixador. Então, eu pedi a todos os colegas que mandassem tudo sobre China que eles tivessem.

O.S. - Todos os ex-embaixadores, ou especialistas?

C.F. - Falei com o Castro Neves, falei com Affonso. Procurei as coisas na Secretária de Estado na área de China, procurei com os colegas das embaixadas todas. Enquanto eu estava em Genebra, eu comecei a ler, ler e ler. O que eu recebi sobre China foi uma grandiosidade...rAí eu levantei toda a parte da OMC, encontrei *Policy Review*, aproveitei para trabalhar em Genebra, para entender de Política Comercial chinesa, levantei toda documentação da OCDE. A OCDE tem toda uma documentação, porque junto com Brasil, Índia e a China estão nesse grupo de países que a OCDE criou um programa especial. Ela queria que a gente entrasse para membro, mas isso nunca foi possível. Então, eu levantei uma documentação, comecei a montar uma biblioteca sobre China e tal e comecei a ler. Foi isso. Eu verifiquei que apesar do esforço de todos os meus antecessores, a embaixada de Pequim teve grandes embaixadores ao longo do tempo - Sérgio Duarte, Ítalo Zappa, uma quantidade

de gente importante, o Castro Neves, o Affonso Ouro-Preto. Então, eu verifiquei que você tinha uma agenda muito limitada e focada em pequenos temas contenciosos, esses que eu mencionei. Uma das formas de você dissolver é mudar a agenda. “Porque o texto lá. Porque o texto”. Pode chatear o outro, mas não vai resolver. Agora, se você fala: “Olha, tem um texto, mas tem isso aqui, tem esse outro aqui, tem esse outro”. Você cria um bolo no bojo do qual você começa a fazer uma troca, coloca um contra o outro. Então, isso foi uma coisa. Outra coisa: você tinha criado, em 2004, a COSBAN, quando o Jintao veio ao Brasil. E a COSBAN se reuniu pela primeira vez em 2006 e nunca mais se reuniu. Então, eu cheguei na China em 2008 e não tinha reunião da COSBAN. Na realidade, eles estavam tentando organizar uma reunião da COSBAN e eu falei: “Olha, não faz muito sentido vocês fazerem uma reunião da COSBAN às vésperas da minha ida para a China. Espera eu chegar lá, espera eu dar uma olhada nas coisas, ter os contratos iniciais e aí a gente faz uma reunião já com o *input* meu para a agenda da COSBAN.” E aconteceu que a reunião da COSBAN acabou sendo, em 2010. Então, criou-se um órgão, que era para ser o grande órgão das relações, em 2004, passou dois anos e esse órgão não se reuniu. Depois passou, sei lá, três, quatro anos para esse órgão se reunir de novo. Então, o que isso reflete? Não tem substância, não tem interesse na relação. Ah, o Roberto Abdenur, grande amigo meu de infância, foi embaixador lá. Vocês já ouviram o Roberto?

O.S. - Não. Ele continua adiando a entrevista, mas chegaremos lá [risos]. Mas ele já aceitou, inclusive.

C.F. - Ele foi secretário-geral. E ele é uma figura, uma pessoa muito séria. Ele é um grande diplomata, um homem íntegro. Vale a pena conversar com ele.

O.S. - Agora, quando o senhor chegou, o senhor percebeu essa falta de substância mútua? A China encontra-se, naquela época, em uma fase muito complicada por virar parceiro comercial mais importante de muitos países ao redor do mundo, com também capacidades diplomáticas limitadas e etc. De repente, muitos países acabam se interessando muito pela China. Como foi a visão chinesa do Brasil naquela época? Como o senhor percebeu isso? Havia, assim, conhecimento? O senhor percebia uma assimetria em relação ao conhecimento ou, também, a China não tinha uma situação muito clara da situação brasileira?

C.F. - Não, a China tem visão clara das coisas. Você não pode dizer que a China não tinha visão. Você pode dizer que a visão da China é errada, mas a China tem uma tradição de pensar a longo prazo, uma tradição de concepção global, que tem a ver com todo pensamento chinês. Você não pensa as coisas A e B, você pensa A e B em conjunto, e a interação de A e B, e A que é B, e B que é A, e A não é B e tal. Essa forma de pensamento permeia toda a forma de atuação chinesa e a forma de refletir. Você aplica isso ao mundo, o chinês vê as coisas em conjunto e vê os interesses deles, no A, no B, como é o A, o A interfere no B e o B no A e etc. Então, você olha para a relação da China a longo prazo, e olha com visão integral. Para você ter ideia, a equipe de planejamento estratégico da chancelaria chinesa, *Policy Planning Staff*, quando eu saí de lá eram setenta diplomatas - só o *Policy Planning Staff*. Se você olha os trabalhos na academia chinesa sobre pensamento de política internacional, relações externas, era uma coisa impressionante. Se você olha o grande estrategista, o maior estrategista de política externa é o próprio Deng com os vinte e quatro caracteres. Mas ele trabalhou com ele, um homem que foi intérprete dele para o inglês e que é, para mim, uma grande figura em termos de pensamento de política externa,: Zheng Bijian - que desenvolveu o pensamento da ascensão pacífica, que depois virou *peace*, Desenvolvimento Pacífico, porque começaram a dizer: “Não, espera aí, falar em ascensão, tem uma contradição nesse termo ascensão e pacífico. Melhor falar em desenvolvimento pacífico”. Mas a teoria está aí até hoje. Eu acho que agora já chegou um pouco ao fim. Mas, os chineses sempre pensam assim. Então, qual era o lugar do Brasil nesse mundo? Isso está expresso de várias formas: o primeiro é qual o lugar geopolítico do Brasil, não é? O Brasil está do outro lado do mundo e não tem nada a ver com a China, não tem problema fronteira, não tem problema militar. Inclusive, porque o Brasil não é uma potência militar. O próprio Deng criou essa expressão dos dois grandes países em desenvolvimento que os chineses vivem repetindo. Quando eu cheguei lá, eles trabalhavam com fórmulas que refletem esse processo de decantação do pensamento deles e chegam a uma fórmula. Então, era o grande país em desenvolvimento do Oriente ou do Leste e o grande país de desenvolvimento do Oeste. E essa era a coisa, a grande fórmula que definia a relação. Por isso que o Brasil foi, em 93, um dos primeiros países do mundo a ser declarado parceria estratégica. Os chineses criaram a categoria de parceria estratégica para tentar compor uma relação mais positiva com o mundo em torno deles, com Rússia, com a parte do Asean. E o Brasil, aqui do outro lado, de repente, em 93,

quando teve aqui, eu acho que foi na visita do Zhu Rongjiou foi na visita do Jiang Zemin mesmo, que foi aprovada essa coisa de que era uma parceria estratégica. Isso é uma coisa meio retórica, mas para os chineses não era. Para nós era retórico e não tinha nada de estratégico na parceria, como não tem até hoje na parceria do Brasil com a China. Mas para os chineses ele refletia uma *break* na relação com o Brasil e uma visão de mundo de que o Brasil era um país que desempenharia um papel importante e um papel importante para a China. Bom, qual era o papel importante para a China? Era a questão dos recursos naturais. Claro, o desenvolvimento chinês, todo esse período de auge, de crescimento a dez por cento com taxa de formação de capital de quarenta e cinco, cinquenta por cento era uma coisa insumidora de recursos naturais. A partir de certa dimensão, a quantidade cresceu de forma espetacular e os recursos foram se esgotando, a China foi se transformando em importadora de líquido de petróleo. Quando o Brasil estabeleceu suas relações com a China em 75, o que a China exportava para o Brasil? A China exportava para o Brasil petróleo e carvão, importava do Brasil produtos siderúrgicos, automóveis. Você ainda via os velhos Santanas trafegando nas ruas de Pequim importados do Brasil.

K.F. - Isso em 2003, quando o senhor chegou?

C.F. - É, ainda tinha alguns lá, nos subúrbios ali e tal.

[FINAL DE ARQUIVO 1]

O.S. - Esse é um tema interessante, havia certa diferença entre 2003 e 2008 do seu ponto de vista? Visivelmente a China estava nesse processo de expansão...

C.F. - Eu cheguei lá depois das Olimpíadas, certo? Retomando essa coisa que você falou que a China estava em transformação. As Olimpíadas foram um grande evento em que a China fez o possível para mostrar a nova China para o mundo e foi um êxito absoluto, apesar das manifestações que ocorreram no percurso da tocha olímpica através do mundo e etc. Bom, as Olimpíadas de Pequim foram um show inacreditável. Eu vi aquilo na televisão. Eles chamaram, como é que é? O Zhang Yimou, que é um grande diretor de cinema chinês, para

montar aqueles shows de abertura e de encerramento. E aquilo era uma coisa não só em termos cênico, de uma grandiosidade, de uma beleza extraordinária como é uma recuperação de toda grandeza chinesa: o negócio da caligrafia, da pólvora. Todas as invenções que moldaram o Ocidente foram da China, a imprensa. Então, tudo isso era mostrado na abertura: “Olha aqui, não fique pensando que isso aqui é uma coisa qualquer não. Grandes invenções do mundo foram feitas aqui”. Então, aquilo foi uma grande exibição da nova China para o mundo. Quando eu cheguei lá, isso já vinha ocorrendo. Na realidade, as pessoas já tinham descoberto a China há muito tempo. Uma das primeiras pessoas que foi me ver quando eu tinha chegado na embaixada, no começo de 2009, foi o David Shambaugh, especialista em China, na história do Partido; tem uma porção de coisas sobre China, editou vários livros, tem um livro chamado *Shift of Power* que ele é editor e tal. E o David foi lá porque estava começando a abertura da China para a América Latina. Depois eu posso falar um pouco disso. E o David sentou lá na embaixada e falou: “Olha embaixador, vim aqui conversar com o senhor sobre essa nova relação da China com a América Latina, da China com o Brasil”. E é claro que ele, como americano, estava também interessado em saber “que história é essa que está ocorrendo aqui no meu quintal, não é? O chinês agora está querendo entrar, não dá.” Ele é um homem super simpático, inteligente, já o conhecia antes. Ele falou: “Olha, antes da gente começar a conversar eu vou ser muito franco com o senhor. Vou dizer o seguinte: vocês estão em atraso em relação a conhecimento sobre China e vai ser desastroso para o Brasil. Eu acabei de ir ao Brasil, há seis meses, e verifiquei que ninguém na academia, no meio empresarial, no governo, entre os militares entende de China. Isso vai ter consequências serias para vocês. Há décadas que nós, nos Estados Unidos, estamos nos preparando, procurando desenvolver *Think Tanks*, programas especiais, treinamento em língua chinesa, porque nós entendemos que a China é uma potência em ascensão e que vai ter uma relação fundamental com os Estados Unidos. Os europeus estão fazendo a mesma coisa há décadas e vocês não estão fazendo nada. Isso é uma coisa complicadíssima, porque vocês, a relação da China com vocês vai crescer e vocês não vão saber se relacionar com eles, eles não vão entender o que está acontecendo”. Não deu outra. Eu, quando cheguei, conversei, vi essa coisa e comecei a trabalhar aqui com as pessoas, um pouco por minha influência. Criou-se o Ibrac lá na UFRJ com a Ana Jaguaribe, Ana Célia, o Castro que tinha já um interesse com a China. Foi uma tragédia a morte dele. O Castro era meu amigo de juventude. A última grande viagem dele foi à China e ele estava procurando justamente entender de China, do impacto da

China no mundo. Em Campinas se criou um centro sobre China onde está o Amaury Banhos Porto de Oliveira, que é uma pessoa que não sei se vocês o entrevistaram, mas vocês vão ter que ir a Campinas, porque o Amaury está doente. Mas, olha, vocês têm que conversar com o Amaury. Eu comecei a trabalhar no Itamaraty e o Amaury era o chefe da Divisão de Oriente Próximo, desculpe fazer um interregno. O Amaury era, à época, um grande especialista em petróleo e Oriente Médio do Brasil e do Itamaraty. Ele é um homem de um nível de seriedade, uma coisa extraordinária; um estudioso de uma dedicação. O que ele escreveu sobre petróleo e Oriente Médio para o Itamaraty é uma coisa primorosa. E depois ele acabou indo para a Ásia e foi, eu acho, foi embaixador na Malásia? Não. Singapura? Acho que ele foi embaixador em Singapura, não estou lembrado agora. Mas aí ele começou a se interessar por Ásia e começou a estudar. Depois ele começou a se focar em China. Ele, hoje, é uma das pessoas que mais conhece China, escreve muito. E ele ajudou a criar esse centro lá da Unicamp de China. Aí começou, um pouco, um processo incipiente de criação de centros de investigação sobre China. Mas ainda é uma coisa muito limitada. Os americanos mandam milhares de estudantes para a China por ano.

O.S. - Há muito tempo, aliás.

C.F. - Tem da época ainda colonial, não é?

O.S. – Sim.

C.F. - A Universidade Tsinghua foi criada pelos americanos na época ainda do final da Dinastia Qing e depois na época republicana. Os americanos criaram várias universidades na China; criaram em Nanjing, criaram em Guangzhou no sul da China. Todas universidades para transmitir o pensamento ocidental e com grande apoio dos chineses, porque era aquele período de ebulição da China e a China estava buscando dar resposta aos desafios do Ocidente, havia perdido a guerra com o Japão e etc. Então, os americanos têm uma tradição... E como eles não tinham uma dívida colonial tão pesada como os ingleses, os alemães e, sobretudo, os japoneses, em parte os russos - mas os russos depois da revolução quando derrogaram todos os tratados secretos, ou seja, a Rússia ganhou com isso uma amizade na China que depois, bom foi em frente, e aí acabou deteriorando durante o período

do Mao (mas não vamos entrar nisso, porque já é outra coisa). Mas os americanos têm uma tradição de China de décadas. O Jonathan Spence, que é um historiador extraordinário, é um dos maiores pensadores... A Europa tem também extraordinários pensadores. Na Europa, os ingleses têm coisas boas na área de teoria em Relações Internacionais, eles têm pensamento sobre China, mas é um pouco voltado para a coisa mais teórica. A grande contribuição que eu vejo é a parte cultural dos franceses. Aí sim você tem um pensamento estruturado sobre cultura chinesa que é uma coisa primorosa. Mas todo mundo estuda China e nós aqui...

K.F. - Embaixador, como foram os seus primeiros contatos com o governo chinês? Como era a sua relação pessoal?

C.F. - Olha, isso tem uma história engraçada e aí me permite voltar uma coisa para terminar um pensamento. O fruto de toda essa leitura que eu fiz, o que eu conclui? Eu falei, olha, a minha conclusão foi a seguinte: “Essa relação aqui está estagnada e ela é uma relação que tem futuro. Que não é para estar nesse patamar de desconhecimento, de falta de interesse e concentrada em miudezas e braguilhas por causa de importação de têxteis ou de sapato. Isso aí tudo bem. Mas isso não pode ser o cerne da relação. Nem a questão do Conselho de Segurança, os chineses não vão mudar a relação, não adianta você ficar batendo nisso, porque é uma perda de tempo”. Aí eu falei: “Olha, essa relação ela não tem”, voltando aquele tema que eu estava mencionando, “ela não tem objetivos claros. Ela não tem uma estratégia. O que o Brasil quer da China? Não é possível que você se relacione com um país dessa dimensão e com uma economia que na época era a quarta economia do mundo, ou era terceira ou era quarta depois da Alemanha... “e você fique aí discutindo aí essas miudezas de política comercial, não é?”. Então, eu falei: “Olha, aqui está faltando um plano estratégico para essa relação”. E eu propus que a gente criasse um plano quinquenal para aproveitar os chineses com os planos quinquenais deles: “Vamos criar um plano quinquenal para as relações do Brasil com a China, onde a gente vai colocar no papel tudo o que acha que a gente quer da China”. Porque a ideia era essa: vamos tentar ver se as pessoas sentam-se à mesa e refletem minimamente sobre o que o Brasil quer da China e quais são as áreas importantes da relação do Brasil com a China. Bom, uma vertente disso era o seguinte: essa comissão COSBAN, não funciona. Não adianta você ter uma comissão no nível do vice-presidente da República e do lado chinês no nível do vice-primeiro ministro e não reunir nunca. Então, tem algo de

errado aí, você tem que mexer nessa parte institucional para tornar isso uma coisa mais operativa. Fruto disso, eu desenvolvi todo esse meu pensamento e quando eu cheguei lá eu já tinha essas ideias na cabeça. Então, eu mandei uma coisa para o Itamaraty sugerindo o seguinte: “Olha, eu vou entregar as credenciais e eu quero entregar uma carta do Presidente Lula para o Presidente Hu Jintao. A carta é a seguinte...”. [risos] Aí eu já mandei o texto da carta, senão não acontece nada. E aí era isso, era a proposta: "vamos negociar um plano estratégico para as relações...". Eu não me lembro mais. Eu tenho lá o texto da carta, mas eu não me lembro mais. "Vamos negociar um plano estratégico para a nossa relação. A nossa relação é estratégica, então tem que ter um plano onde a gente coloque tudo aquilo que a gente quer fazer, etc e tal". Bom, fui ver, aprovaram. O Celso aprovou o negócio. Aprovaram a carta. Aí eu recebi a carta assinada pelo Presidente. Antes de apresentar as credenciais, como você tem uma quantidade imensa de embaixadores na China, eles reúnem... Todo país faz isso, não é? Eles reúnem um grupo e você fica esperando para chegar a sua vez. Durante esse período você apresenta o que na carreira chama Cópia Figurada, que você apresenta teoricamente para o chanceler, mas você é recebido normalmente pelo chefe do protocolo, você deixa lá com ele uma cópia daquilo ali. A teoria dessa coisa é que você não pode operar enquanto tuas credenciais não foram aceitas e como você é designado pelo chefe de Estado, o outro chefe de Estado tem que dizer que ele te aceita e lá. Como isso demora às vezes, criou-se esse negócio da Cópia Figurada: você vai e entrega lá e começa a trabalhar. Os chineses são muito informais nisso e falaram, desde o começo: “Você vai trabalhando. Vai fazendo o que você tem que fazer, porque vai demorar um tempinho para apresentar as credenciais”, como efetivamente ocorreu. Bom, aí eu fui para lá e, falei, me reuni com um diplomata chinês, que era o chefe da área de América Latina na chancelaria chinesa, chamado Yang Wanming. E ele depois, quando eu saí, ele foi de embaixador no Chile e agora ele foi do Chile para Buenos Aires. Um homem mais jovem, mas um sujeito mais sério e competente, e que teve um pouco por detrás dessa subida da América Latina na agenda diplomática chinesa. A relação com o Brasil é o eixo dessa subida, mas a América Latina como um todo subiu. Quando eu cheguei lá, no final de 2008, os chineses aprovaram o primeiro livro branco sobre as relações entre a China e a América Latina. O fato é que tinha livro branco da África, tinha livro branco de tudo e da América Latina não tinha. Aquilo mostrava que eles estavam virando para cá e olhando para cá. Bom, era a última fronteira, digamos. Então, eu fui lá, falei com ele. Foi uma coisa engraçada, porque ele chegou lá e achou que ele ia ter comigo uma

reunião protocolar. Porque os chineses têm esse negócio de dar a face e ter a face. Isso é uma das coisas mais complicadas de entender na relação com os chineses. Se você mete os pés pelas mãos nessa coisa da face, complicado. Dar a face e perder a face é uma coisa complicada. E aí o cara sentou lá e eu sentei com a minha equipe lá, os quatro [risos] da embaixada, e falei para ele: “Olha aqui, esse negócio aqui não está bem. Essa relação do Brasil com a China não está bem. A gente precisa mexer nisso aqui, essa COSBAN não se reúne”. E o cara foi ficando meio estarecido com aquela coisa, porque, quando você vai se reunir com um chinês, ele tem um dossiê, que é um dossiê preparado por todo *staff* e que é um acúmulo de coisas sobre a relação dele com o país, sobre qualquer tema que você queira discutir. Tem até um nome em chinês para esse documento. E o cara tinha lá o documento dele na frente e o *staff* dele do lado, e o cara começou: “Esse cara está falando de coisas que não estão aqui no meu papel. O que eu vou dizer?”. Ele começou a brigar em chinês com os caras que estavam lá, os assessores dele. Claro, pois ele estava perdendo a face, porque não sabia responder. Eu não sabia de nada disso. Eu tinha uma semana de China, sei lá, e os caras fizeram uma deferência super especial, porque eu cheguei e imediatamente me receberam e tal. E aí eu vinha com aquele negócio meu... Eu passei a vida brigando com americano, europeu e com essa gente, sobretudo em matéria de Política Comercial, você diz as piores coisas, o cara te diz as piores coisas e sai todo mundo...[risos]. Porque é uma coisa profissional. Mas [risos] com chinês não era assim. Aí eu cheguei e falei: “E eu tenho aqui uma carta do Presidente da República que eu vou entregar”. [riso] Ele olhou... Aí o cara ficou perplexo, entende? Eu vi, no meio do negócio, que aquela coisa estava meio estranha. Aí eu comecei a dar um jeito e tal, virei para coisa, contei, falei umas coisas agradáveis e disse: “Olha, tudo isso aí são ideias para a gente discutir. É uma coisa preliminar. Quando eu for apresentar minhas credenciais, vou entregar uma carta do Presidente República”. Aí os caras falaram: “Opa, esse negócio é complicado”. [riso] Aí eles começaram a me ligar. Terminou a reunião, o cara disse lá: “Vamos trabalhar juntos”. “Vamos e tal”. E eu fui para a Embaixada e depois eles começaram: “Cadê a carta?”. Eu falei: “ã uma carta do Presidente da República para o Presidente Hu Jintao. Eu vou entregar”. Mas eles foram ficando com uma insegurança. Claro, eu ia entregar uma coisa que a chancelaria não tinha visto. Eu falei: “Mas, olha, eu não posso abrir”. É claro que eu já tinha lido a carta, eu mesmo tinha redigido. Eu sabia. Mas eu falei: “Olha, a carta é do Presidente e tal”. Eles foram ficando nervosos. Aí eu falei: “Eu não posso fazer assim. Vou ter que mandar uma cópia para esses caras, senão eles não vão me

deixar apresentar a credencial”. [risos] Aí eu mandei uma cópia para eles e eles ficaram agradecidos. Quando teve o encontro com o Presidente Jintao, eu levei a carta e aí falei: “Olha, Presidente, tem aqui uma carta...”. Eles também esperavam aquela coisa deles do protocolo, e tem uma tradição, mas não vamos entrar nisso senão eu não paro de falar. Aí, eles esperavam que fosse uma coisa de cinco minutos e no meu caso levou uns vinte minutos, porque depois de entregar as credenciais, dizer aquelas baboseiras, eu falei: “Eu tenho aqui aquele envelope, a carta do Presidente Lula. Precisamos desenvolver um plano estratégico.”. Mas o cara já estava *brifado*, porque eu já tinha mandado a cópia. Ele já sabia o que era. Aí, ele falou: “Isso é uma ótima iniciativa. Vamos dar instruções para seguir com a coisa e tal”. Bom, esse é que foi o primeiro encontro. E aí eu aprendi, porque, depois, esse rapaz, falou: “Você tem que entender essa coisa de dar a face e perder a face”. Aí eu comecei a ler, porque tem expressões em chinês sobre isso. “E procurar a entender como era isso”. Aí eu falei: “Olha, eu cometi aqui um erro grave”. A partir dessa primeira reunião, eu nunca mais fui ver esse cara, que se converteu no principal interlocutor meu lá. Eu via o vice-ministro, que é o atual embaixador chinês aqui, mas não era tão fácil. Entre os embaixadores, na realidade, eu era o que acabava vendo mais vice-ministros, mas os ministros mesmo... O chanceler eu nunca consegui ver, apesar do Celso ter feito todo um esforço para eu ser recebido pelo chanceler, Yang Jiechi, que é o atual membro do Conselho de Estado da área de política externa. Mas a minha relação operativa foi com o Yang Wanming e com ele é que eu negocieei inteirinho o plano de ação conjunta 2010-2014, que foi aprovado aqui em 2014, quando o Jintao veio ao Brasil. Perdão, em 2010, quando o Hu Jintao esteve aqui na reunião do BRICS, com aquela visita encurtada, porque teve o terremoto na China.

O.S. - Quando entrevistamos o Celso Amorim ele disse: “Isso foi um grande sinal da China se importar, etc. Porque apesar do terremoto, ele insistiu em participar da reunião”. O senhor tinha a mesma interpretação que isso foi um sinal que a China deu muita importância ao grupo?

C.F. - É verdade. Ele estava nos Estados Unidos, quando teve aquele terremoto lá perto de Sichuan e foi um terremoto devastador, uma coisa horrível, morreu muita gente, morreram muitas crianças. Ele ia voltar, eu já estava aqui no Brasil. Mas a decisão, segundo os chineses, segundo me disse o próprio embaixador aqui que era o vice-ministro e eles

reiteraram isso, o próprio Hu Jintao disse que não podia fazer isso, não podia deixar de comparecer aos BRICS e à visita oficial que estava marcada dele aqui no Brasil. Então eles vieram no avião. O que aconteceu é que deu um trabalho realmente monumental, porque nós tivemos que comprimir o BRICS e a visita oficial em vinte e quatro horas. Eu me lembro que eu fiquei lá no gabinete do Jaguaribe.

O.S. - Claro.

C.F. - Nós ficamos até uma hora da manhã com a equipe chinesa remontando tudo porque virou uma coisa que correu de sala em sala e você conseguiu fazer tudo. Na realidade, acabou sendo, depois, do meu ponto de vista e eu disse isso lá para as pessoas, eu achei que foi bom, porque não teve *bullshit*. [risos] O sujeito não podia fazer discursos longos porque ele tinha que dar a mensagem dele em cinco minutos ou não daria tempo. [riso]. Então, foi tudo cumprido, assinado o plano, além de uma quantidade enorme de documentos durante essa visita. E, a partir daí, a gente começou a trabalhar com base nesse documento que acabou de expirar esse ano. Então agora, você teria que produzir um novo plano, que consta da declaração da visita aqui, a ideia de fazer um plano 2015-2021 - para juntar com o plano decenal, que foi juntado quando o Wen Jiabao veio aqui.

O.S. - O senhor contou um pouco para a gente onde se encontra o Brasil na visão global chinesa. Aqueles interlocutores principais tinham conhecimento profundo aqui da região? Ou seja, a pessoa responsável por América Latina era uma pessoa já, naquela época, com acesso direto às pessoas incisivas na chancelaria? O principal problema era realmente que o Brasil não era tão importante ou que já sentia-se que os chineses tinham cada vez mais acesso?

C.F. - É. Os chineses têm essa tradição de sempre pensar a médio e longo prazo. Eles têm essa tradição burocrática e a capacidade de mobilização de recurso. Então há muito tempo, tinha-se criado uma instituição, que foi uma instituição que provocou e inclusive teve um impacto na vida intelectual chinesa. Foi a Academia de Ciências Sociais. Tinha a Academia de Ciências, voltada para Ciências Exatas e etc. Quando se criou a Academia de Ciências Sociais foi um reconhecimento de você tinha que pensar as Ciências Sociais, onde a coisa era mais efervescente. Era mais sobre controle do Maoísmo e do Estado a Ciência do que a

Ciências Sociais. E dentro da Academia de Ciências Sociais, se criou uma área de América Latina. Essa área de América Latina refletia o baixo nível de interesse da China pela América Latina. Sei lá. Quando eu sai, estava lá, funcionava em um prédio. Tem um prédio histórico, mas era uma coisa antiga, onde tinha pessoas, tinha um cara do partidão lá, aquela figura... Mas tinha umas pessoas que refletiam. O CICIR, que é um *think tank* gigantesco, tinha um pequeno núcleo de América Latina. Eu estive algumas vezes com o diretor-geral do CICIR, com a equipe e etc. Mas era uma coisa modesta. As universidades desenvolveram bastante o estudo de português e de espanhol. No caso do português, a princípio, com o apoio de Macau e os portugueses, era o português de Portugal. Mas a partir de um certo momento, já quando eu cheguei lá, o interesse deles era em português do Brasil. E o Brasil mandava alguns leitores para algumas universidades chinesas. Eu, quando cheguei lá, consegui expandir o número de leitores e etc. Era um programa modesto. Neste departamento de América Latina, quando o Presidente Lula esteve lá em 2004, naquela visita gêmea com a visita do Hu Jintao aqui, ele criou na Universidade de Pequim um Instituto de Estudos Brasileiros, onde tinha uma cátedra. Depois, quando ele esteve lá em 2009, quando eu estava já de embaixador, ele criou uma coisa que eu negociei lá com o Departamento de América Latina. Ele criou um Departamento de Estudos Brasileiros dentro do Departamento de América Latina e da CASS. No período em que eu estive lá, nos cinco anos que eu estive na China, o número de chineses aprendendo o português cresceu de uma forma incrível. Quando eu saí de lá, os últimos concursos que fiz na embaixada para ter auxiliares locais, você não tinha mais problema de conseguir chinês que falasse português para trabalhar na Embaixada. Então, os chineses, eles, com essa coisa de organização, deram a importância devida à América Latina e ao Brasil e começaram criar um conhecimento sobre a região. Dentro da Chancelaria, a área de América Latina era uma área claramente secundária, o chanceler Yang Jiechi não tinha maior interesse. Os chineses, ao contrário da gente, formaram o Yang Jiechi em Estados Unidos. O Yang Jiechi era o grande especialista. Dentro da ideia de que a gente vai subir, etc, a potência hegemônica é essa aqui e a gente precisa entender da potência hegemônica. A gente precisa criar contatos, relações e etc. O Yang Jiechi fez a carreira inteira dele, de terceiro-secretário à embaixador, nos Estados Unidos. O Yang Jiechi ieuma figura difícil, eu estive várias vezes com ele em eventos e coisa, não em reuniões, porque os chineses têm essa coisa protocolar, o encontro com embaixador pelo chanceler chinês é basicamente o americano, o alemão e etc. Você se relaciona a nível de vice-ministro e de chefe de departamento. Então, não havia,

dentro da Chancelaria, uma grande importância para a América Latina e uma grande importância para o Brasil, por quê? Porque a Chancelaria... Não só o tema era ainda secundário na agenda global chinesa, mas Chancelaria, na China, é um órgão *político* - não trata de nada na área econômica. E a relação com o Brasil era uma relação econômica. Então, se vocês olharem, quem que senta na COSBAN? É o vice-ministro encarregado, contraparte do vice-Presidente da República, à época era o Wang Qishan que hoje é o czar anticorrupção da China, um dos homens mais brilhantes em termos de execução na China, um cara *troubleshooting* inacreditável. Bom, o Wang Qishan era o vice-primeiro ministro debaixo do qual estava o MOFCOM, o Ministério do Comércio. O contraparte na COSBAN, na realidade, não é o Jiabao, é o MOFCOM, porque a relação com o Brasil é uma relação de comércio, e a Chancelaria não cuida de nada disso - a Chancelaria cuida de política externa, estratégia. Então, o chanceler não se interessava grandemente por América Latina. Esse, o Yang Wanming era uma pessoa que tinha trabalhado com ele em Washington e era uma pessoa ligada a ele. Então, ele tinha prestígio dentro da Chancelaria. O vice-ministro, o embaixador aqui também, era uma pessoa que tinha um dossiê que era um dossiê variado, porque ele se ocupava de administração. O atual vice-ministro encarregado de América Latina é o cara que se ocupa de protocolo. Então, não é uma relação com a Chancelaria muito significativa. Então, a Chancelaria ajuda, mas quem resolve os problemas na China para o Brasil é o Ministério da Agricultura. Essa era a configuração. Eles diziam: “Ah, você reclama...”. Porque eu reclamava, eu falava: “Olha aqui. Não é possível. Vocês têm acesso lá, vão ver os ministros e eu aqui, para fazer uma coisa...”, tem aquela burocracia, tinha que passar nota. Tudo era ainda aquele modelo, não é? Que segue, eu acho. Mas eles falaram: “Você reclama, mas você vê ministro... Os outros embaixadores não vêem, não têm o menor acesso que você tem, etc.”. E era verdade, eu tinha mais acesso do que a grande maioria, seguramente do que o resto dos embaixadores da América Latina e de que muitos dos embaixadores. Não tinha e nem podia pretender ter o acesso dos americanos e alemães, etc. Outro nível de relação.

K.F. - O senhor observou uma mudança na relação do Brasil com a China depois que trocou o governo e entrou o governo Dilma?

C.F. - Olha, na realidade toda essa iniciativa que eu fiz do plano e tal, não foi levada a diante com determinação. Fazer um plano não é tão difícil, foi difícil negociar com os chineses, eles queriam aquilo. Eles apresentaram um projeto que era uma coisa com linguagem diplomática e eu falei para eles: “Olha, meu amigo, não é isso aqui, é outra coisa. Porque isso aqui é um negócio preciso, tecendo a detalhe, área por área, etc. Porque tem problemas que a gente precisa resolver, fixar objetivo”. Ao final, eles acabaram... O plano aprovado é noventa e cinco por cento produto do que a gente botou na mesa. Então, eu sempre digo isso, quem queria mudar a relação era o Brasil. Os chineses não tinham porque, estavam contentes; importavam daqui a soja, o petróleo, o minério de ferro, etc e está tudo muito bem que exporte isso. É ótimo para a China. Mas era o que ele queria, não estava querendo importar manufatura do Brasil. Nós é que ficávamos dizendo: “Não, tem que diversificar, tem que criar outros programas, tem que diversificar as exportações”. Então, se você que quer mudar tem que subir o perfil político da relação e tal. Se você que quer mudar, você que tem que fazer o maior esforço. Na realidade, nunca foi feito um grande esforço para mudar a relação no sentido que o Brasil queria, porque nunca houve aqui dentro do Brasil uma efetiva prioridade para as relações com a China. Então, você tem episódios, visita de chefes de Estado e etc.

O.S. - Mas a gente tem, na época do Lula, não só um aumento de embaixadas, a gente tem um ativismo inédito em países asiáticos. Antes, não havia o IBAS, o BRICS e etc. A gente pode ver, pelo menos em comparação com a presidência do FHC, que tinha também muitos problemas ainda internos. O Brasil tinha que se integrar na comunidade internacional depois de uma fase complicada. A época do Lula houve uma expansão inédita. O senhor acredita que as propostas, ambições eram sinceras, verdadeiras, mas depois, no início da gestão Dilma Rousseff, mudou muito essa falta de compromisso?

C.F. - Não, não mudou. Porque o ativismo é interessante como *public relations*: mostrar o Brasil no mundo e etc. Mas sem *hard work*, meu amigo, ativismo não vai longe. Não adianta você criar embaixada no mundo inteiro, se as embaixadas não têm pessoas, não têm recursos. Vê o que está acontecendo agora com o ativismo, qual é a situação orçamentária do Itamaraty e das embaixadas? Entende? Onde estão as grandes iniciativas? Vê onde está o IBAS. O que

as pessoas fazem com o IBAS? Vê onde está o Mercosul. O Mercosul é um zumbi há muito tempo. Ninguém nunca fez nada para arrumar o Mercosul, fez?

O.S. - Mas mesmo assim, comparando com antes, o Presidente Lula, eu acho, viajou mais vezes à China do que qualquer outro Presidente, incluindo a Dilma.

C.F. - Viagem. Sim.

O.S. - É um primeiro passo, vamos dizer.

C.F. - Faturou nas viagens. Assinou. Bom, assinou na viagem dele lá.

K.F. - Sim. É o maior número de protocolos assinados, mais do que a Dilma assinou.

C.F. - Assinou. Mas as primeiras viagens da Dilma ao exterior foram à China. Assinou uma quantidade imensa de acordos na viagem, entende? Então, não é que não teve resultado, mas o que eu digo é que não teve um exercício do Brasil que não é um exercício do governo, é um exercício dos empresários, da sociedade, da academia.

O.S. - Claro, o Itamaraty sozinho não faz.

C.F. - Exato. Se você pegar o comunicado da Presidente Dilma, está lá: “Aqui quantitativamente cresceu, etc. Agora a gente precisa mudar natureza da relação, precisa diversificar, etc.”. Quantas missões empresariais brasileiras foram à China? Quantas da FIESP foram à China para promover exportações de produtos manufaturados? Eu não me lembro de nenhuma da FIESP nos cinco anos eu estive lá.. Ou seja, se você conversa, e eu conversei muitas vezes com a FIESP e com a CNI... Eu cheguei a ter uma reunião com a BMC, que fez o estudo estratégico das prioridades no mundo para exportação de máquinas e equipamentos, e definiu dezoito países prioritários - a China não estava.

O.S. - Certo. Qual a sua interpretação com relação às causas disso? Há pessoas que dizem que, no fundo, uma política externa mesmo o Brasil só tem na região e há outros que dizem

que talvez seja uma questão também de sinofobia, de dizer: “Ah, a China é tão longe que a gente não se interessa”. O senhor, ao longo daquela tempo, conversando com não só pessoas do Itamaraty, mas também do Ministério da Fazenda, talvez parlamentares, sentiu algo além do desinteresse, algum tipo de convicção de que a China, que a ascensão era algo negativo? Sobretudo, os pensadores um pouco anti-americanos aqui no Brasil não viam na China uma boa alternativa, que finalmente ia acabar com a unipolaridade? Não havia nada disso nas suas discussões com atores aqui no Brasil?

C.F. - Eu passei cinquenta anos na carreira diplomática, a minha sensação é que a gente está em um estágio anterior a essas questões que você está levantando. Qual é a concepção brasileira de geoestratégia, de política externa? Qual é a visão, realmente concreta, do papel da China no mundo, do papel do Brasil no mundo, de como estruturar as relações? Qual a visão efetiva que o Brasil tem da própria região onde ele está? Você acha que o Brasil se empenhou em salvar e melhorar o Mercosul? Você acha que o Brasil se empenha o tempo todo para valorizar a Unasul? Qual é a agenda estratégica que você tem? Como você pode ter o nível de relação que você tem com os Estados Unidos hoje, sendo os Estados Unidos a maior potência do mundo e sendo os Estados Unidos membro da sua região? Então, eu acho que a gente está em um estágio anterior a esse. Uma das coisas que eu repito e que caracterizam esse estágio anterior é o nível de ignorância sobre China. A quantidade de pessoas do Brasil que eu recebi... Não estou falando de pessoas do povo, estou falando de empresários, que chegavam na China e ficavam estarecidos, porque eles estavam esperando encontrar a China da época do Mao, da revolução cultural: uma miséria, todo mundo andando de bicicleta. Aí, quando o cara chegava em Pequim, porque as pessoas também não vão para o interior da China, as pessoas vão a Pequim e Xangai (raramente vão a Cantão, a não ser durante a feira de Cantão). Então, as pessoas não conhecem a China, meu Deus do céu. Como você pretende desenvolver uma estratégia de diversificar as suas exportações para a China, se você não sabe o que é a China. Então, a gente está no estágio anterior. O nível de desconhecimento em relação a China, aquilo que o David Shambaugh falou e que é absolutamente correto, é gigantesco. Houve algum progresso, não é que não houve progresso. A Vale tem um pensamento sobre China. Se ela não tivesse estava perdida, é um gigantesco mercado para ela. Agronegócio começou a desenvolver um pensamento sobre China, eu colaborei com a CNA para montar uma estratégia sobre China. A CNT, agora, está

desenvolvendo uma estratégia sobre China para atrair investimento para infraestrutura, melhorar transportes e etc.

O.S. - Então, o senhor acredita que, talvez no setor privado, se tenha os núcleos de conhecimento mais aprofundados, apesar de ser muito especializado no nicho específico da empresa. Mas lá dentro começa a ter um pensamento estratégico?

C.F. - Começa, mas não é um problema só de China, é um problema geral da política comercial brasileira, é um problema que vem de décadas: é a coisa do mercado interno e atitude defensiva, nós vamos proteger o mercado interno. Bom, você não pode se relacionar com o China assim. Então, se a tua estratégia é exclusivamente defensiva: “Eu não quero o produto chinês aqui. O produto chinês não presta”. Isso, de novo, é a China do passado, a China, hoje, está exportando máquinas e equipamentos sofisticadíssimos para o mundo inteiro, inclusive para o Brasil. E a estratégia defensiva brasileira, exclusivamente defensiva, não funcionou, basta você ir ali ao lado da FIESP, aqui na Avenida Paulista, e ver todos aqueles mercadinhos com tudo quanto é porcaria de bagulho chinês vendendo, com chinês vendendo. E se você vai para o interior de Brasil... A minha família é de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, vai ver lá o shopping chinês que tem lá em Campo Grande. Então, não funcionou para nada. Mas o fato é que você consultava as pessoas... O presidente da CNI, o anterior, deu uma declaração dizendo que o Brasil não tinha como competir com a China e, portanto, não tinha nada a fazer com a China a não ser se defender. Se essa é a posição do presidente da CNI, então...

O.S. - Estamos mal.

C.F. - E aí você reclama porque a pauta é de produtos primários, de produtos agrícolas, de minério de ferro. Aí sim o pessoal fez o dever de casa: aumentou a produtividade, vigor competitivo. E o mercado chinês é fundamental, entende? Senão fossem os problemas aqui, a Vale, provavelmente, teria uma posição ainda melhor na China.

Tem um pensamento chinês antigo sobre o Brasil, que é uma coisa que me surpreendeu, inclusive. O Gilberto Freyre diz que o Brasil é a China tropical, porque aqui tem muitas

influências no período colonial dos chineses. Então, não é uma coisa no vazio essa concepção de dois grandes países em desenvolvimento que não tem nenhum conflito um com outro. Claro, cada um no seu universo geoestratégico. A Índia, China, a Rússia agora ali do lado. Então, dentro dos BRICS, a relação mais fácil é com o Brasil, entre a China e o Brasil. É a relação mais natural, mas ao mesmo tempo, quando você não tem conflitos, significa uma relação que é cordial, amistosa, mas falta a ela certa substância. Mas essa existe. A relação de recursos naturais existe e é fundamental para a China - alimentos, minérios, polpa, celulose, por aí vai. Isso é extremamente importante e é extremamente importante para o Brasil. Vejam o que aconteceria com a nossa balança comercial se não fosse isso, se não fosse a China. A gente estava com um déficit de balança comercial absolutamente gigantesco. Ao lado disso, você tem os outros componentes, o CBERS mostra que a relação na área de Ciência e Tecnologia com a China é uma relação antiga. O programa CBERS tem trinta anos e ele foi executado religiosamente pela China. Os problemas do programa CBERS são do Brasil, não são da China. A China fez os satélites, a parte dela dos satélites sempre em dia, nós atrasamos, faltou recurso. Na época do Collor, ele queria matar o programa CBERS, o Roberto Abdenur é que salvou o programa CBERS. E depois, com o correr do tempo, a China foi abrindo outras áreas. Na área de *people*, intercâmbio, professores, estudantis. A China sempre teve interesse em mandar mais gente para o Brasil. O problema é que aqui as universidades não têm cursos a não ser em português. Então, fica difícil. As universidades todas chinesas têm curso em inglês para receber estudantes e etc, tem curso de formação em língua estrangeira. A Universidade das Comunicações, onde a minha mulher estudou em Pequim, é uma coisa inacreditável, tem curso de tudo quanto é língua que você pode imaginar e formação especial para aquele tipo de língua na língua chinesa. Aqui é que falta fazer o dever de casa. Mas as coisas avançaram, na área de Ciência e Tecnologia, quando eu estive lá, na visita da Presidente Dilma, o Mercadante, que à época era ministro de Ciência e Tecnologia, por iniciativa da Luciana Mancini, que estava trabalhando agora no Ministério da Educação (uma extraordinária diplomata), promoveu o primeiro diálogo sobre ciência, tecnologia e inovação sobre Brasil e a China. Os chineses trouxeram a nata das instituições e pessoas deles em nanotecnologia. Nós levamos daqui uma delegação de alto nível. Algumas coisas surgiram. Surgiu um programa em nanotecnologia que não sei se acabou criando o centro em biotecnologia, o programa da Embrapa que eu batalhei o tempo todo e afinal se criou o Labex em Pequim. A Embrapa, por exemplo, preferiu criar um Labex na Coreia do

que criar um Labex na China, que é a maior agricultura do mundo e onde estão o genoma da soja, da laranja, de outras, uma quantidade de produtos que são fundamentais para a agricultura brasileira.

O.S. – Em relação à Embrapa, quem era contra? Qual era o argumento?

C.F. - Tem um negócio, porque você tinha o negócio da suspeita. Isso é uma coisa que tem aqui, você tem vários que são mitos, e como todo mito eles têm uma base na realidade. Então, uma das coisas que eu aprendi ao longo da minha carreira... O meu pensamento é um pouco heterodoxo, eu também vou falando as coisas e não me interessa. Eu tenho mais de 70 anos, passei mais de cinquenta anos na carreira, então agora eu falo o que eu acho. O Brasil tem muita dificuldade de se relacionar com país que é mais poderoso e maior do que ele. Os Estados Unidos são um exemplo clássico, e você continua com a visão do imperialismo ianque enquanto os Estados Unidos já não tem nem mais interesse na América Latina, não tem nem mais política latino-americana, você continua obcecado com a dominação... Os Estados Unidos estão preocupados com a Ásia, com o Oriente Médio, agora de novo com a Europa. Agora, aqui, não tem interesse. Mas você continua com essa visão e você não entende o problema. Isso é uma concepção colonial do mundo, você introjeta uma visão colonial, você é que não está fazendo o seu dever de casa para se relacionar corretamente com os Estados Unidos para defender os seus interesses. Porque, qual é o país do mundo que pode dizer que a relação com os Estados Unidos ou com a China não é uma prioridade? Raríssimos. São os dois maiores países do mundo. Então, se você não tem capacidade de fazer o seu dever de casa para se relacionar corretamente com os Estados Unidos e com a China reconhecendo que eles são mais poderosos, mas que não tem porque isso ser um impedimento para desenvolver uma agenda com esses países. Mas isso é um problema sério. Voltando ao tema específico, você olha para a China e vê: “Puxa, aquilo é uma coisa gigantesca, aquelas estatais são mirabolantes” e são mesmo. A Sinopec acabou parceira da Petrobras e etc, que acabou de assumir a primeira posição de primeira empresa das quinhentas maiores empresas da China. O faturamento da Sinopec foi quinhentos milhões de dólares, é mais do que o PIB de muito país. Você olha a State Grid que está aqui, a State Grid é a maior empresa de transmissão de energia elétrica do mundo, *by far*. Então, você tem um problema, mas você faz o dever de casa para falar: “Olha aqui, eu preciso me relacionar com

esse gigante, mas vem cá, eu não posso ir aqui nem bater a porta na cara dele, porque é importante, nem abrir os braços e falar venha”.

O.S. - Claro, tem que ser uma relação equilibrada.

[FINAL DE ARQUIVO 2]

O.S. – Sua esposa se adaptou bem à China?

C.F. – Sim, inclusive começou a aprender chinês. Ela foi para lá e para começar dedicava, mais ou menos, oito horas por dia a aprender chinês. E foi para a universidade, essa Universidade das Comunicações, e como poeta, ela já conhecia um pouco de poesia Tang (até a Cecília Meireles fez uma tradução baseada em texto francês de poesia Tang), e resolveu traduzir do chinês para o português a Antologia Clássica chinesa, que são trezentos e vinte poemas.

O.S. - Qual a previsão de publicação disso?

C.F. - Olha, essa semana ela chegou a metade dos poemas. Então, ela comemorou que estava já na metade dos poemas. Agora ela está revendo a tradução que ela fez dessa metade, aí ela vai mandar para a editora para ver e emitir uma opinião. Ou seja, a poesia do período é uma beleza extraordinária e essa antologia é do século XVIII, em que os chineses pensaram, o que eles consideravam como os maiores poemas do período e publicaram esse livro com trezentos e vinte poemas.

O.S. - Fantástico. Coisas assim me parecem bem importantes, porque eu acho que o projeto de fortalecer as relações vai muito além das relações internacionais, envolve pesquisadores, cientistas, artistas e etc.

C.F. - E é uma relação que é possível construir. Porque a relação com o povo chinês não é

uma relação complicada. A relação com os chineses é muito mais simples do que com o japoneses, porque os últimos constituem um povo mais fechado, com códigos muito mais difíceis de ler. O chinês não, o chinês do povo, é uma pessoa alegre, aberto, brincalhão e etc. Tanto que os chineses que estão no Brasil, e eu conheço uma porção, jornalistas, empresários e etc. Eles têm uma ambientação aqui no Brasil muito fácil. Todos eles gostam.

O.S. - Apesar de que, por exemplo, ainda há uma limitação em relação à questão de visto,. A Rússia já tem um *visa waiver*, ou seja, um programa que possibilita entrar sem visto. Qual o principal problema para aprovar uma facilitação?

C.F. - Durante o tempo que eu estive lá, essa foi uma área com a qual eu me preocupei. Quando eu cheguei, infelizmente, o Consulado e a Embaixada eram um pardeiro. Quando eu vi a coisa eu falei: “Mas isso não é possível. Como a gente pode atender o chinês que quer ir ao Brasil aqui?”. Eu consegui reformar o setor consular inteiro. Acabei com a biblioteca da Embaixada, que na realidade era inútil, porque ninguém ia lá, era uma coisa de livros velhos que estavam lá depositados. Joguei uma parte fora de coisas que eram totalmente inúteis e outra parte acomodei em outros lugares na Embaixada. Criei outro setor consular com capacidade de atender os chineses. Pequim foi colocado no sistema de visto por internet, no site da Embaixada foi colocada toda a regulamentação consular brasileira em mandarim. Qualquer chinês pode abrir aquilo, ver o que ele precisa e etc. E consegui, batalhei durante um tempo, criei o Consulado em Guangzhou, porque Pequim cobria praticamente o país inteiro, só tinha Pequim e Xangai. Então era impossível. Como um cara no sul da China vai ir tirar visto em Pequim? Então, criamos um em Guangzhou. Hoje, o que você precisaria nessa área? A primeira coisa é: a grande maioria dos vistos são vistos de negócios. Turismo chinês no Brasil é muito limitado e é bom que assim seja. Toda vez que ia alguém da Embratur lá fazer propaganda eu falava: “Olha, não faça isso porque se os chineses se convencerem de que o Brasil é um destino turístico, nós vamos ter cinco milhões de chineses querendo visto para ir ao Brasil. Nós não conseguimos dar nem cem mil, como nós vamos dar cinco milhões?”.

O.S. - Por que existe essa limitação exatamente de cem mil?

C.F. - Primeiro você teria que abrir mais representações consulares como fizeram os Estados Unidos. Os Estados Unidos hoje, eu acho, estão dando algo como três milhões de vistos por ano. Entende? Então, você precisa ter centenas de funcionários. Eu conversei com o pessoal da Embaixada americana e eles falaram: “Olha, esse sistema aqui vai estourar, porque não dá mais. O número de vistos, a gente não mais consegue manejar. A gente vai chegar a um ponto em que teremos que liberar vistos ou fazer alguma outra coisa porque nós não temos como emitir milhões de vistos todo ano”. Até quando eu saí de lá, eu acho que o número de turistas chineses ao exterior foi setenta milhões, hoje já deve estar perto de cem milhões de turistas chineses por ano. Dez por cento quer vir ao Brasil, você tem dez milhões de chineses querendo vir o Brasil. Não tem como.

O.S. - Mas não existe essa proposta de liberar por completo? São considerações de segurança, de crime organizado aqui no Brasil? Qual é a preocupação?

C.F. - Pois é, mas isso é uma besteira, porque os Estados Unidos têm um sistema super rígido de concessão de visto para chinês para tentar limitar a imigração ilegal e etc. Eu acho que à época, eles tinham trezentos mil chineses que tinham desaparecido. Você aqui, você acha que você consegue?

O.S. - Certamente não consegue.

C.F. - É claro que não consegue. Não tem a menor estrutura para você conseguir controlar isso através de sistema de visto. Agora, se você quiser pode fazer essa barreira do visto mas aí não vai fazer propaganda para fazer turismo chinês no Brasil. Então fala: “Aqui não pode, aqui só vai entrar muito pouquinho, porque nós não queremos chineses. Porque temos medo que o chinês vá como turista e depois fique lá e tal”. Tudo bem. Eu acho isso tudo um equívoco e eu acho que devia liberar. Mas a outra questão é que trazer chinês para o Brasil demanda você ter uma estrutura aqui para recebê-lo. Chinês não come a comida da gente, chinês come a comida chinesa. Então, tem que ter uma estrutura nos hotéis e tudo. O café da manhã dos chineses é uma refeição com carne de porco, o cara não toma leite, o cara não toma água gelada, ele só toma água quente. E tem que ter pessoas que falem chinês, porque eles só falam chinês, não falam língua nenhuma.

O.S. - Mas isso não seria uma questão de mercado, uma vez que os chineses chegam aqui, os hotéis vão se virar, não é? Não podemos esperar os hotéis treinarem gente em chinês para depois abrir a fronteira porque eles só vão fazer isso se chegarem, se realmente existir uma demanda, um descontentamento, aí os hotéis vão resolver isso. Então, não seria melhor simplesmente eliminar o teto?

C.F. - Eu acho complicado, porque o chinês ou ele vai se frustrar e voltar para lá frustrado, achando que foi mal recebido, que foi maltratado. Ou então ele não vem. Para onde vai esta grande massa de turismo chinês? Vai para região asiática.

O.S. - Logo depois para Europa.

C.F. - É. Onde eles têm o quê? A diáspora chinesa. Então, o sujeito vai para a Malásia, Singapura, por quê? Porque tem o chinês lá. E isso foi assim desde a época imperial.

O.S. - Exato claro.

C.F. - A diáspora tem isso, o cara foi para lá e aí começou a levar mais, começou a criar todas as redes de comércio no fim da Dinastia Qing. As redes de comércio eram todas da diáspora chinesa com chinês de Fujian, de Guangzhou que controlava aquele comércio.

O.S. - Claro, mas faz todo sentido.

C.F. - Eu acho que você hoje já tem um pouco de turismo chinês, mas é limitado. Eles vão para dois lugares, o que o chinês gosta aqui é Foz do Iguaçu e Floresta Amazônia. Claro, o chinês não gosta de praia. Então, você fazer propaganda para levar o chinês para praia... Você já viu como as mulheres chinesas vão à praia?

K.F. - Vão de roupa.

C.F. - Claro, elas não podem ficar escuras, elas têm que ficar com a pele branca. Então elas

vão de luva, coisa tudo coberto, chapéu, viseira que é para não pegar sol.

O.S. - Eu tenho, na verdade, perguntas sobre a visita do Xi Jinping como vice e da visita do Nelson Jobim. Vamos começar, então, porque a visita do Xi Jinping foi antes. Logo depois, em fevereiro de 2009, veio o Xi Jinping.

C.F. - É, como vice-presidente. Foi recebido pelo presidente Lula.

O.S. - Isso. O senhor viajou antes, suponho...

C.F. - É.

O.S. - Já esteve aqui para brifar todo mundo? Como o senhor lembra dessa visita?

C.F. - Eu procurei justamente mostrar que o Xi Jinping, embora à época ainda houvesse dúvidas sobre a ascensão dele ao cargo de Secretário Geral do Partido (porque havia disputas internas), estava em uma situação de assumir a vice-presidência da Comissão Militar e era um passo importante e clássico para você dizer: “Não, esse agora é mesmo o delfim”. Mas eu defendi muito que deveria ter um tratamento acima da posição dele, porque ele era a pessoa que podia. O que é importante é que ele é o secretário-geral do Partido. O vice-presidente, é o presidente da Escola do Partido, é o cara, que dentro, está subindo, membro do Comitê Permanente, do poder público por aí vai. Então, eu defendi que ele tivesse um tratamento e ele teve; foi recebido pelo Presidente, teve sessão, foi recebido no Congresso pelo presidente do Senado, presidente da Câmara, o Sarney recebeu e tudo. Teve todo o tipo de encontro. Foi uma visita pequena, embora tivesse alguns resultados concretos, porque sempre quando vai um membro do Comitê Permanente, ainda mais no caso dele, ele tem a capacidade de levar resultados concretos com ele para a visita. Mas foi uma visita onde eu assisti esses encontros todos do Xi Jinping. O Xi Jinping assumiu a posição dele de vice-presidente. Ele fazia o discurso correto, mas ele não se aventurou a nenhum tipo de pronunciamento mais, digamos, próprio...

O.S. - Claro. Que pudesse chamar a atenção da imprensa.

C.F. - Isso aí eles não fazem nunca, isso é uma mudança, aliás. O Hu Jintao nunca fez isso. Eu tive uma surpresa quando Xi Jinping assumiu e começou do jeito que ele começou e como ele está levando. Eu não tinha a visão do Xi Jinping com esse poder que ele está mostrando e com essa capacidade de encanar uma coisa que vem da época do Mao que é o centro. Você tem duas coisas no pensamento político chinês: o centro e a linha. E o centro é isso, o que era o Mao? O Mao era o centro. Então ele encarnava a figura do poder com capacidade de mexer em tudo e orientar. E para orientar era a linha, tinha uma linha do Partido. O Deng, embora não tivesse cargo nenhum, ele nunca foi secretário-geral nem nada, ele era o centro e era a linha dele – da instabilidade, reforma e abertura - foi a linha que determinou o pensamento. Esse homem é um centro e tem uma linha, e ele está levando o país com dificuldades, porque as reformas que ele está tentando fazer são imensas, mas ele está conseguindo ir adiante. Mas à época, quando ele esteve aqui, foi uma visita importante, claro, foi uma visita significativa, mas não foi uma visita que tivesse assim um traço marcante em termos de relacionamento e da apresentação, por ele, de uma perspectiva.

O.S. - Certo. Mas há um investimento futuro, nesse sentido, porque se cumpriu essa expectativa de fato...

C.F. - É. Foi. E quando você teve a transição, a maior parte dos membros do Conselho Permanente já tinham ido à China. O Li Keqiang nunca veio ao Brasil, também na função que ele estava de segundo do Wen Jiabao, quem vinha era o Wen Jiabao. E o outro, Yu Zhengsheng, que era do Comitê Permanente. Os outros alguns tiveram aqui do atual Comitê Permanente, mas não muitos.

K.F. - Em outubro de 2009, o ministro da Defesa, Nelson Jobim, visitou a China. O que foi tratado em matéria de defesa nessa visita?

C.F. - Essa visita do Jobim à China foi uma visita importante, porque ela marca, em certa medida, um primeiro, digamos, reconhecimento de que deveria dar um passo adiante no relacionamento, na área militar, com a China. Nós estamos do outro lado, mas nós tínhamos um relacionamento tradicional: nós sempre mantivemos três adidos; os chineses têm três

adidos aqui, das três forças; o relacionamento era cordial; nós sempre mandamos oficiais para fazer curso de Estado Maior na China. Os chineses mandam oficiais aqui; você tinha uma visita de barcos, navios brasileiros à China e etc. Mas era uma coisa nesse estilo, você nunca teve, digamos, um diálogo mais profundo com os chineses na área de defesa, porque é natural. Não tem porque ter esse tipo de diálogo com os chineses. Teve aqui depois, ou antes dessa visita, o Xu Caihou.

K.F. - Isso, o general Xu foi antes, em 2008.

C.F. - Agora, caiu em desgraça, não é? Eu estive com ele e ele até fez uma homenagem a mim e à Embaixada, porque a gente ajudou muito na organização da viagem dele. Ele foi recebido pelo Presidente Lula. E era um homem muito articulado e uma pessoa poderosa, porque ele era vice-presidente dos militares. Então, foi uma visita importante. Essas duas visitas, a visita do Xu Caihou e a visita do Jobim, marcaram um novo relacionamento. À época, se propagou muito de que, saiu em várias publicações, tinha uma questão que era prioritária que era o negócio dos porta-aviões. Os chineses nunca tiveram porta-aviões. O porta-aviões que eles têm é um que eles compraram da Ucrânia. Um navio pequeno, um navio que tem aquela coisa para decolar, mas tem o seguinte: era um navio com sistema de catapulta para decolagem de avião. Na realidade, são poucos os países no mundo que têm porta-aviões e são poucos que tem esse porta-aviões com catapulta e que conhecem essa técnica de pouso e decolagem em porta-aviões. Os chineses, como não tinham porta-aviões, não sabiam mexer com isso e era complicado eles aprenderam, porque, para quem eles iam pedir? Para França, para os Estados Unidos, para a Rússia? Era complicado isso. Então, havia um interesse deles nessa questão. Do ponto de vista do Brasil também não havia nenhum impedimento para isso. Você estava fazendo um treinamento técnico com os chineses. Eu confesso que eu não sei se essa questão dos porta-aviões foi ou não adiante, se isso acabou sendo levado adiante. Se falou muito. O Jobim, até quando voltou, deu uma entrevista e falou sobre isso.

O.S. - Nós entrevistamos o Nelson Jobim, mas a gente não fez essa pergunta. Vou voltar a perguntá-lo. Isso é algo que eu não sabia. Ele também viajou à Índia para saber sobre a possibilidade de comprar o Rafale, igual a Índia havia feito. Mas a gente conversou pouco

sobre essa viagem.

C.F. - Eu conheço o Jobim há muito tempo. Mas o fato é que independente de porta-aviões, o relacionamento entre as forças armadas e os ministros de Defesa cresceu muito. A Marinha Brasileira foi à comemoração dos 60 anos da Marinha Chinesa. Eu fui para lá, um frio, caiu uma onda de frio com vento horroroso. E os grandes países que tinham relação militar com a China mandaram navios. E o Brasil mandou um navio daqui, levou, sei lá, um mês, chegou lá na China, para participar da parada naval com os navios e tal. Eu estive com o comandante da Marinha e tudo. Grande figura. Fui lá. Depois o navio escola, depois que eu estive lá, estive duas vezes na China. A Aeronáutica desenvolveu uma relação importante. O Adido que estava lá era especialista, um dos que eu peguei, era especialista em tema de segurança de voo, inclusive para aeronaves civis. Deu vários cursos para os chineses sobre como aprimorar segurança de voo e etc. Na parte de Forças Armadas também, na parte de exército também houve um relacionamento mais importante, começaram a mandar muito mais oficiais para fazerem cursos. Essa foi uma área que cresceu.

O.S. - Eu tenho a seguinte dúvida. Voltando à questão dos BRICS, o primeiro encontro presidencial aconteceu na Rússia, senão me engano em junho, julho de 2009 e ninguém sabia direito o que era, aqui no Brasil não houve nenhum impacto na imprensa. Mas foi, querendo ou não, um passo importantíssimo para o Brasil fazer parte de um esquema, inicialmente, não institucionalizado, mas depois acabou tendo, por meio desse grupo, uma participação muito maior. A partir de 2009, aí depois 2010 a Cúpula foi no Brasil... Em 2011 na China. A gente tem a versão de desenvolvimento de cooperação em muitas áreas. Hoje em dia, há encontros dos chamados *National Security Advisor*, mas o Brasil não tem mas manda alguém...

C.F. - Manda o Samuel.

O.S. - O Samuel. [riso] E depois mandou o nosso colega, o sucessor do Samuel, o professor Marcelo Neri.

[INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO]

O.S. - A gente vê muitas reuniões à margem da Assembleia Geral, combinar o jogo no G-20. Tem aqui em São Paulo, uma reunião, em 2008, no auge da crise, logo depois quando a coisa estourou lá em Nova York. Os ministros de Finanças se encontraram aqui em São Paulo, a gente tem uma proliferação de reuniões inéditas que acabam dando ao Brasil um acesso não só de Itamaraty para Chancelaria chinesa, mas em muitas outras áreas. Isso, do ponto de vista do senhor, é algo que impacto mesmo a relação em um nível mais profundo...? Vai além de uma coisa rápida, o senhor sentiu, de fato, um aprofundamento da relação por causa desse grupo? De repente estamos fazendo parte de um grupo junto com a China....

C.F. - Na realidade, eu sugeri ao Itamaraty, a criação do BRICS muito antes do BRICS ser criado [risos], quando eu era subsecretário de planejamento em política econômica do Itamaraty na gestão do Fernando Henrique. O Fernando Henrique, no final do período dele no Itamaraty, quis deixar um legado e, como uma pessoa que tinha apreço pela instituição e era um homem de grande visão acadêmica, ele criou uma comissão que atendia pela sigla de CAOPA, que era uma Comissão de Aperfeiçoamento. Bom, quem cuidava dessa Comissão era o Carlinhos Garcia e essa Comissão era muito voltada para essas de administração, orçamento. E aí eu fui conversar com o Fernando Henrique e disse a ele: “Olha, ministro, aqui eu acho que essa Comissão é super importante, o Carlos está fazendo um trabalho ótimo, porque ele entende muito dessas questões. Mas tem duas coisas aqui que estão faltando nesse exercício: um é que não pode pensar a estrutura da carreira, as funções e etc. sem pensar o mundo e o Brasil, em certa medida, porque isso aqui não funciona no vácuo. Então, a gente tem que ter um exercício de prospectiva e a Subsecretária lá de Planejamento que o senhor criou”, porque foi criado por ele e depois acabou quando ele saiu, “ela pode fazer um trabalho. A outra questão que está faltando é sobre o tratamento da informação. Eu acho que isso é um tema extremamente importante e a gente não está tratando, mas aí não interessa, esse é o caso”. Eu sentei com o Gelson, que é meu amigo de séculos, um dos meus grandes amigos na carreira, e falei: “Vamos montar aqui um grupo e vamos escrever um documento”, que acabou se chamando “Reflexões sobre a política externa brasileira”, que foi um exercício extraordinário. Primeiro porque a gente conseguiu montar um grupo ótimo. O Eduardo Santos, atual Secretário-geral, conselheiro à época, era membro do grupo a filha do Seixas era membro do grupo, o Marcos Galvão. Era um grupo fantástico. E o Gelson e eu

coordenamos aquilo e escrevemos tudo sobre cenários, sobre a visão do Brasil e do mundo, e de como poderia evoluir a diplomacia brasileira dentro dessa visão de mundo. Fizemos entrevistas com milhões de gentes... Tem um documento enorme e tal, com tudo.

O.S. - Sim.

C.F. - Dentro desse estudo, você vai ver que tem lá a ideia de que tinham países de grande dimensão que não tinham, não se encontravam em um lugar na ordem internacional. Quem eram esses países? Eram o Brasil, China, Rússia e Índia.

O.S. - De fato o grupo BRICS. Sim, é verdade.

C.F. - [risos] E então, propunha, justamente, que esses países deveriam intensificar. Depois, quando eu estava terminando o governo, o período do Fernando Henrique, eu escrevi... No Itamaraty tem um negócio chamado “memorando”. Hoje é mais é para pedir passagem, etc. Naquela época ainda era um instrumento válido para você colocar ideias, e eu propus a criação do G4 e que o Brasil deveria liderar um processo de consultas para criar o G4. Que era esse, era o G4, não tinha nome charmoso de BRICS, mas era um grupo... E qual era a *rationality* ? A *rationality* era que eram quatro países continentais – PIB, população, todas essas coisas – e que tinham um peso no mundo e que não se encontravam, não tinham na ordem internacional, um reflexo desse peso deles. E não eram países que você poderia “escantear”, nem eram países que estavam integrados perfeitamente. Não eram países que estavam na defesa do status quo e estavam se beneficiando da ordem, mas tampouco tinham interesse em reformar a ordem para se sentir mais integrados nela, parte dela etc. E eu sempre achei que isso era o que unia os BRICS, que eram muito diferentes e tudo. Então, obviamente, nunca ninguém agiu em cima disso, levou adiante essa ideia, e a coisa ficou. Depois vieram e criaram os BRICS. Quando os BRICS nasceram, eu estava já na China, e eu acompanhei um pouco a reflexão chinesa. Os BRICS eram, na visão inicial, um grupo basicamente econômico.

O.S. - Nasceu na crise.

C.F. - Claro. E por quê? Porque na área política, estratégica, militar, a capacidade de articular um grupo, desse tipo, era muito difícil. Uma coisa que pouca gente sabe é que Rússia, China e Índia tem um grupo tripartite que se reúne anualmente para discutir estratégia. Porque a discussão de estratégia no BRICS é uma piada. Tem dois caras que são outsiders nessa discussão. O cara que ia lá, o russo, tinha certa diferença com Neri. Não tem condição. Era um mecanismo para estruturar a cooperação no G-20, para tentar dar uma resposta à crise e expandir o poder do grupo no Breton-Woods, porque no Conselho de Segurança eles não tinham acordo. Esse era o pensamento. Os chineses sempre diziam – eu me reuni várias vezes com eles(o pessoal dessa área tinha gente de muito bom nível), o pessoal do *planning staff* e o pessoal que cuidava de BRICS– e o cara falava: “Embaixador, vamos devagar com o andor porque se for meter questão política nisso, não vai pra frente. Isso aqui vai criar problemas, a gente tem posições diferentes. Então, vamos trabalhar naquilo que a gente tem facilidade. Como está começando, vamos pela linha do menor esforço, que é a linha econômica e tal e que é super importante.” Então, pela primeira vez estava tendo o negócio da Líbia. E aí, eu inclusive me lembro que conversei com eles, mandei para o Itamaraty e falei: “Não pode isso”. Como é que o grupo pode se estabelecer como um grupo importante se ante um problema dessa magnitude ninguém diz nada. Não dá, tem que tratar do tema. E aí você vai ver lá tem uma declaração sobre a Líbia. Eu falava: “Olha, tudo bem no começo, mas você não pode ter um grupo desse, com o perfil dos países que tem e que coma ideia de que vai ser um interlocutor importante a nível do mundo e não trate de temas políticos e estratégicos.” Não tem. Grupos econômicos têm muitos, então não precisa desse aqui. Agora, em Fortaleza, você tem aqui catilinária inteira, que os caras chamam de besteiro porque não é, ou seja, eu não vejo assim. Eu vejo que você defende uma linha de multilateralismo, de resposta através do multilateralismo então você tem que ter aquele tipo de catilinária, mas você cobriu praticamente a África inteira, todas as áreas de tensão, cobriu o Oriente Médio, cobriu a própria Ucrânia, dentro do possível.

O.S. - E a famosa declaração de Haia, a qual os chanceleres – o Brasil foi representado pelo embaixador Paranhos, porque o ministro não esteve presente – declararam seu repúdio à sugestão Australiana de excluir a Rússia de G-20. Ou seja, isso foi uma importante manifestação do grupo BRICS, realmente se manifestando a respeito de um tema...

C.F. - É, pois é, ou seja, o Ocidente jamais aceitou o BRICS. E como tudo que é um embrião de alguma disputa pelo poder e etc., a primeira coisa é liquidar. Eu vivi isso com o G-20 na OMC. Os americanos fizeram tudo para liquidar o G-20, junto com os europeus. Claro, porque eles mandavam na negociação agrícola na OMC. Não conseguiram, aí tiveram que engolir. Eu acho que agora, depois de Fortaleza, com a criação do Banco, se esse negócio for pra frente – porque botar no papel é fácil, criar o banco são outros quinhentos – eu acho que eles tem um desafio sério pela frente para se estabelecer. Qual foi o diálogo que até hoje houve entre o BRICS e a Europa, entre o BRICS e os Estados Unidos? Nenhum. Ou você senta na mesa com essa gente e tem um pensamento para apresentar, ou então *falls short*. Atualmente *falls short*, mas depois de Fortaleza, deu um passo. O banco e o fundo de reservas são um passo; a declaração de Fortaleza, a meu ver, é um passo. Agora você tem é que pensar bem o que é que vai acontecer na Rússia.

O.S. - A próxima será em Ufa, na Rússia, em junho do ano que vem.

C.F. - É, o Putin está lá na PEC, convidado em Pequim, vai acabar se encontrando com muita gente, vai no G-20, então ninguém vai... E aquilo de dizer: “ah, não vai convidar”, aquilo era uma coisa de criar problema para gente, criar problema pro Brasil, criar problema pro BRICS, um besteiro completo. Não existe isso, não tinha nada a ver. E aquilo, eu me lembro, australiano faz esse tipo de papel. Conheço até, tenho muitos amigos, gosto dos australianos, mas os australianos são meio *outspoken*. [risos]

O.S. - Isso, isso. Exato. Ou seja, resumindo, o senhor acredita que a China, ao longo desse processo deu importância ao grupo BRICS, mandou gente importante?

C.F. - Deu. No começo tem uma coisa que eu acho é importante: a China nunca viu, e isso é importante que a turma aqui entenda, a China não está interessada em transformar BRICS em elemento de confrontação com o americano, com o Ocidente. Os que acham isso aqui no Brasil estão sonhando. Isso é a forma de quebrar o BRICS. O hindu também não vai nessa linha, o russo pode ser que tenha um pouco essa visão, mas também não é um instrumento para isso. No período em que eu estava lá eu batia em duas coisas: agenda econômica e o diálogo. E você olha toda a declaração do BRICS tem uma frase lá dizendo que quer o

diálogo e não quer a confrontação, isso aqui não é um instrumento para a oposição, para não sei o quê, quer reforma, não quer revolução - o que as pessoas aqui tem que entender. Muitas vezes eu recebi gente lá que achava que a China queria a Revolução. Aí [risos] é um pouco delicado. Então, eles têm um pensamento, e para responder diretamente: a importância do BRICS para a política externa chinesa cresceu. E eles adoram o negócio do banco, que não é proposta deles, era proposta da Índia. Eles, os chineses, embarcaram e esse banco vai ser um instrumento chinês.

O.S. - Claro, para despolitizar o dinheiro, os investimentos chineses.

C.F. - O capital do banco é repartido igualmente, mas você pode criar fundo atado para fazer o que você quiser. E eles têm condição de botar um prédio inteiro em Xangai, na zona especial.

O.S. - Ótimo, muito bem embaixador, muitíssimo obrigado.

[FINAL DE DEPOIMENTO]